

Uma análise comparativa de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato e de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll

A comparative analysis of *Reinações de Narizinho*, by Monteiro Lobato and *Alice in Wonderland*, by Lewis Carroll

Eduarda Moreira Viana¹
Poliana Bernabé Leonardeli²

Resumo: A proposta do artigo é realizar uma análise comparativa entre a obra *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, e *Reinações de Narizinho* (1931), de Monteiro Lobato. Para analisar as obras e suas semelhanças será abordado, em um primeiro momento, o contexto histórico vivido por cada autor e sua influência na produção dos textos literários em estudo. Posteriormente, as obras serão analisadas em face à teoria da literatura comparada, bem como se pretende evidenciar a importância desses textos como fundamentais para a história da literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil; literatura comparada; Alice no país das maravilhas; Reinações de Narizinho.

Abstract: The purpose of the article is to carry out a comparative analysis between the work *Alice in Wonderland* (1865), by Lewis Carroll, and *Reinações de Narizinho* (1931), by Monteiro Lobato. To analyze the works and their similarities, firstly, the historical context experienced by each author and their influence on the production of the literary texts under study will be addressed. Subsequently, the works will be analyzed in light of the theory of comparative literature, as well as the aim of highlighting the importance of these texts as fundamental to the history of children's literature.

Keywords: Children's literature; comparative literature; Alice no país das maravilhas; Reinações de Narizinho.

Introdução

O presente estudo, intitulado *Uma análise comparativa de Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato, e de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, busca apontar em *Reinações de Narizinho* (1931) a presença de relações intertextuais com a

¹ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Municipal de Linhares (Faceli).

² Professora titular da Faculdade Municipal de Linhares (Faceli). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

obra *Alice no País das Maravilhas* (1865). Ambas as produções foram, a seu tempo, importantes marcos disruptivos para a história da literatura infantil.

De início, serão apresentados os contextos históricos autoritários nos quais os textos foram construídos e a influência deles na escrita dos autores em estudo. Posteriormente, serão analisadas as obras em questão pontuando suas principais características.

Por fim, serão comparados os aspectos semelhantes das obras em análise e apresentados os principais pontos de contato entre a produção de Lobato e de Lewis Carroll, tais quais, a semelhança entre as protagonistas, Alice e Narizinho, a importância da personificação na construção do enredo e a presença da distopia como ponto central da organização das ações.

Lewis Carroll e Monteiro Lobato: a escrita em um contexto autoritário

Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), mais conhecido pelo seu pseudônimo Lewis Carroll, nasceu no Reino Unido, onde viveu até o ano de seu falecimento. Sua vida foi permeada pelo reacionarismo da Era Vitoriana³, que durou de 1837 a 1901.

Ao longo de sua vida, Carroll publicou contos, poemas, fábulas e sua renomada produção *Alice no país das Maravilhas*⁴. Essa obra apresenta críticas subliminares ao governo autoritário da rainha Vitória, o que influenciou diretamente o estilo satírico de sua escrita. Esse reinado foi marcado pela evolução no âmbito tecnológico e científico, influenciando boa parte do Ocidente, por outro lado foi também fortemente marcado

³ Na história do Reino Unido, a era vitoriana foi um longo período de paz e relativa prosperidade para o povo britânico, também conhecido como *Pax Britannica*, com os lucros adquiridos a partir da expansão e domínio do Império Britânico no exterior, bem como o auge e consolidação da Revolução Industrial e o surgimento de novas invenções. Tudo isso permitiu que uma grande e instruída classe média se desenvolvesse. Apesar dos seus impulsos de modernização na ciência, no mergulho do indivíduo e na dinâmica econômica, esta Era foi marcada também por rígidos costumes, moralismo social e sexual, fundamentalismo religioso e exploração capitalista.

⁴ As Aventuras de Alice no País das Maravilhas é uma das obras mais célebres do gênero literário nonsense. O livro conta a história de uma menina chamada Alice que cai numa toca de coelho que a transporta para um lugar fantástico povoado por criaturas peculiares e antropomórficas, revelando uma lógica do absurdo, característica dos sonhos. Este está repleto de alusões satíricas dirigidas tanto aos amigos como aos inimigos de Carroll, de paródias a poemas populares infantis ingleses ensinados no século XIX e também de referências linguísticas e matemáticas frequentemente através de enigmas que contribuíram para a sua popularidade.

pela submissão das mulheres e pelo reacionarismo moral e religioso, escolhas ideológicas da poderosa classe burguesa.

Para Castaldini, Lewis Carroll:

[...] escreve o livro *Alice no País das Maravilhas* justamente para criticar a sociedade tradicionalista vitoriana. Utilizando o nonsense, expressão inglesa que designa algo sem nexos, lógica e, muitas vezes sem sentido, Carroll desviou-se das narrativas tradicionais, que ditavam regras de comportamento, e foi mais apelativa ao gosto das crianças. Sua técnica baseada no nonsense foi o veículo ideal para transmitir algumas informações sobre a sociedade vitoriana sem chocar e nem criticar abertamente a época em que vivia. (CASTALDINI, 2013. p. 6)

Pode-se perceber, a partir de Castaldini, que Carroll procurou construir em sua obra um mundo de fantasia, com personagens que fugiam do padrão literário adotado na época, com destaque para as figuras do Chapeleiro Maluco, dos animais falantes e para as excentricidades dos fatos em torno do enredo, boa parte delas em relação à personagem protagonista, Alice. Esse escape fantasioso da realidade pelo viés distópico era incomum na literatura do período e acabou atraindo o público infantil.

José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948), nascido no estado de São Paulo, foi, ao longo da vida, advogado, promotor, editor, tradutor, escritor brasileiro e ativista. Como escritor, foi o pioneiro da literatura infantil brasileira. Seu estilo literário caracterizou-se pela presença do folclore e da cultura nacional, pois valorizava na obra as origens identitárias nacionais, embora se inspirasse em narrativas e personagens europeus.

Lobato viveu numa época de grandes mudanças no país, tais quais, o fim da escravidão (1888), a queda da monarquia (1889) e o início da República (1889). Na literatura, Lobato fez parte do movimento literário pré-modernista. Quando publicou *Reinações de Narizinho* (1931), o país vivenciava a imposição do Estado Novo⁵, na década de 30, que inaugurou, posteriormente, a Era Vargas⁶.

⁵ Estado Novo foi uma ditadura brasileira instaurada por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que vigorou politicamente até 29 de outubro de 1945, e formalmente até 31 de janeiro de 1946. Foi caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo. É parte do período da história do Brasil conhecido como Era Vargas.

⁶ A Era Vargas foi o período em que a república brasileira foi presidida por Getúlio Vargas, estendendo-se de 1930 a 1945. Politicamente falando, uma das grandes características da Era Vargas foi o autoritarismo sob o qual o Brasil foi governado.

Em função das questões que envolveram a escravidão, o racismo assolava as relações econômicas e sociais nacionais, embora o regime escravista tivesse findado décadas antes do lançamento da obra infantil de Lobato. Muitas falas que permeiam sua obra, principalmente as que envolvem as personagens tia Anastácia e tio Barnabé, revelam a presença das contradições que intermediavam a questão das raças neste território.

De acordo com Silva Mendes e Nunes Maia (2022), alguns estudiosos enxergam em Lobato uma influência negativa na formação da identidade negra nacional, mas alguns teóricos não concordam com essa visão, como Marisa Lajolo⁷. No caso de Lewis Carroll algumas polêmicas de cunho sexual têm sido exploradas na atualidade⁸. Contudo não é sobre tais assuntos que se debruça este estudo.

Lajolo (1998) destaca que uma das grandes qualidades de Lobato é que este procurou escapar da influência da literatura europeia em seus escritos. Do mesmo modo, não adotou o cunho moralista, tão comum nas narrativas infantis de ordem burguesa. Suas personagens são representativas do cotidiano brasileiro: como as figuras do folclore nacional, a Cuca e o Saci. A linguagem adotada em seu enredo é a coloquial. Por sua vez, o tom satírico também se revela na obra, principalmente em Emília, a boneca sem freios nas palavras.

Desse modo, Monteiro Lobato e Lewis Carroll são considerados divisores na literatura infantil, pois trazem para as histórias infantis inovações narrativas que escapam do padrão moralizador das produções burguesas. Nesse sentido, ambas as produções se caracterizam como disruptivas no que se refere a sua estrutura e a sua temática, sendo a produção de Lobato inovadora, em âmbito nacional, ao optar pela adoção da cultura identitária nacional no enredo e pela linguagem coloquial em sua construção linguística.

⁷ A professora Marisa Lajolo é pesquisadora, ensaísta, escritora e especialista em Monteiro Lobato. Durante o Programa do Jô, ela falou sobre seus livros, “Monteiro Lobato livro a livro”, da editora UNESP, e “Poeta do exílio”, pela editora FTD. Marisa Lajolo comentou a polêmica acusação de racismo nos escritos de Lobato, e disse ser contra a censura da obra do escritor. “Acho que ele não era racista. Tenho para mim que ele trabalha com a Tia Nastácia como o Brasil, na época, trabalhava com os ex-escravos”, declarou.

⁸Lewis Carroll é considerado pedófilo por algumas pessoas. Em alguns de seus escritos, o autor de *Alice* dizia não se interessar por mulheres maduras e gostar de crianças, mas só meninas. Ele teria sido um pedófilo? Não há prova concreta sobre o assunto até hoje, mas sabe-se que Carroll também gostava de desenhar e fotografar garotas seminuas.

Análise da obra *Alice no País das Maravilhas*

Alice no País das Maravilhas é considerada uma das obras precursoras da literatura nonsense⁹. A história se passa no País das Maravilhas, um espaço distópico que a todo instante surpreende a personagem protagonista com situações atípicas, como a presença de animais falantes e de situações inusitadas relacionadas à menina protagonista, como sua mudança de tamanho e sua presença em jantares e festividades excêntricas.

Todas essas ações, que transcorrem durante o percurso da personagem, ocorrem em meio ao espaço distópico. De acordo com Rigon (2021), a distopia pode ser vista como um:

Gênero artístico, literário e filosófico que, em representação antagônica à utopia, imagina uma organização social futura com traços de uma civilização policialesca, autoritária ou totalitária dominada pela opressão e supressão dos direitos e das liberdades, ou uma sociedade devastada onde a humanidade está privada de condições humanas, ambientais, materiais e econômicas para a sobrevivência enquanto espécie. (RIGON, 2021, p. 46)

As constantes mudanças de tamanho de Alice, que ocorrem após ela tomar um líquido misterioso ou ao comer um cogumelo, seu choro que se converte em um grande lago, o encontro com o enigmático gato de Cheshire e a transmutação do filho da duquesa em um animal são componentes do universo distópico no qual Alice se encontra.

Nesse ambiente, Carroll trabalha com vários elementos da criação, como o uso do fantástico¹⁰ e da linguagem nonsense. Segundo Lobo e Portela (2018, p. 8), esses elementos são “identificados ao se transformar coisas cotidianas em coisas absurdas, por exemplo: era habitual que homens usassem relógios de bolso, mas um coelho? E, ainda por cima, um coelho de colete, que continuamente reclamava por estar atrasado”.

⁹ A literatura nonsense é um gênero literário que se caracteriza por desafiar as normas da razão, da lógica e da linguagem. Os textos nonsense podem incluir artifícios como neologismos e palavras-valise, e podem falar de qualquer assunto, incluindo partes do corpo que normalmente não são abordadas na literatura.

¹⁰ A literatura fantástica é composta por obras que apresentam personagens ou fatos insólitos, surpreendentes, impossíveis de existir ou ocorrer na vida real.

Em inúmeras cenas esses elementos se revelam nas ações inesperadas da narrativa. Tomar chá da tarde era normal no Reino Unido, mas não com um chapeleiro maluco e uma Lebre de Março. Jogos de croqué eram um lazer da época, porém no País das Maravilhas as bolas eram ouriços-cacheiros vivos; os malhos, flamingos. Fora isso, tudo acontecia de modo que a Rainha de Copas fosse atendida em seus interesses.

A presença autoritária dessa figura, apresentada por meio de sátira, buscava subverter ironicamente a ilibada figura da rainha Vitória, representante dos valores da ascendente burguesia, que construía seu projeto de poder em meio a contradições sociais do período. Para Burges (1996, p. 215):

A época vitoriana tinha um grande número de problemas a enfrentar. Sob vários aspectos, foi uma época de progresso – construção de estradas de ferro, navios a vapor, reformas de todos os tipos -, mas foi também uma época de dúvida. Havia pobreza demais, injustiças demais, feiura demais e muito pouca certeza sobre a fé ou a moral – tornou-se assim uma época de cruzados, reformadores e teóricos.

Nesse sentido, as personagens inusitadas, com as quais Alice se relaciona ao longo da narrativa, são elementos representativos da sociedade britânica do século XIX, transformadas, no conto infantil, em personagens peculiares, como o Coelho Branco, a Lagarta Azul, os Lacaios de Libré, o Gato de Cheshire, a Lebre de Março, o Chapeleiro Maluco, a Duquesa, o Rei e a Rainha com seus Valetes, além de outras criaturinhas esquisitas.

Ao longo dos encontros com essas personagens, Alice percebe que elas possuem características humanas, como a Lagarta azul, caracterizada como “[...] uma grande lagarta azul que estava sentada no topo, de braços cruzados, fumando tranquilamente um narguilé [...]” (CARROLL, 2022, p. 61). De igual modo o Coelho Branco, por meio da personificação, confunde Alice com Mary Ann: “Que estranho, disse Alice para si mesma, servir de garota de recados para um coelho!” [...]. (CARROLL, 2022, p. 49).

Seguindo a estrutura do gênero Conto de Fadas, durante a narrativa, a menina aplica sua força e sua inteligência em prol de se afirmar em meio a dificuldades que a circundam. De início, ao chegar ao grande salão e ver a pequena porta que dá acesso ao jardim, seu desejo é conseguir adentrar no pequeno lugar. Ao ver um frasco titulado “BEBE-ME”, antes de ingeri-lo, analisa-o a fim de descobrir se não era veneno “Não, vou olhar primeiro, disse ela, para ver se não está escrito ‘veneno’ em algum lugar”. (CARROLL, 2022, p. 20)

Alice demonstra sua racionalidade diversas outras vezes, recitando os poemas que aprendeu na escola e outros aprendizados adquiridos, como exemplo durante a queda no poço, quando faz os seguintes questionamentos:

Gostaria de saber quantos quilômetros já caí a essa altura”, disse em voz alta. ‘Devo estar chegando perto do centro da terra. Deixe-me ver: isso seria seis mil e quinhentos quilômetros para baixo, acho...” [...] “sim, é mais ou menos essa distância... mas aí eu me pergunto em que Latitude ou Longitude estou agora. (CARROLL, 2022, p. 16)

Além dessa capacidade reflexiva, consegue, nos momentos de dificuldades, ser sua própria conselheira: “Vamos, não adianta chorar desse jeito!”, disse Alice para si mesma num tom um pouco ríspido. ‘Eu a aconselho a sair daqui imediatamente!”. (CARROLL, 2022, p. 22)

Ao final da história, Alice se encontra com membros da realeza, o Rei e a Rainha de Copas, que usavam do autoritarismo para mandar cortar cabeças por qualquer motivo que lhes desagradasse. A menina em momento algum ficou com medo deles, já que sempre estava a desafiar a Rainha, como quando foi questionada sobre os três jardineiros que estavam ao redor de uma roseira:

“como é que eu vou saber?”, disse Alice, surpresa com sua própria coragem. “Não é da minha conta.” A rainha ficou vermelha de fúria e, depois de fitá-la por um momento como um animal selagem, começou a gritar: “cortem a cabeça dela! Cortem...” “Tolice!”, disse Alice em voz muito alta e decidida, e a rainha se calou.” (CARROLL, 2022, p. 109)

Ao participar do julgamento do roubo de uma torta, em uma banca de júri composta por animais, o Rei e a Rainha se desentendem ao terem de decidir se primeiro haveria o veredicto ou a sentença. Alice, desafiadora no final de seu percurso pelo País das Maravilhas, enfrenta a Rainha que raivosa retruca e ambas acabam por discutir:

“Cale-se!”, disse a rainha, vermelha de raiva. “Não me calo!”, disse Alice. “Cortem a cabeça dela!”, gritou a Rainha cm toda a força dos pulmões. Ninguém se moveu. “Quem se importa com vocês?” disse Alice (ela tinha chegado ao seu tamanho normal a essa altura). “Vocês não passam de um baralho de cartas!” (CARROLL, 2022, p. 167)

Desse modo, ao longo da história percebe-se que Lewis Carroll utiliza-se do universo distópico para, por meio de personagens inusitadas, questionar a ordem moral da Inglaterra vitoriana. Nesse sentido, Alice no país das maravilhas transforma-

se em um clássico da literatura infantil mundial ao unir elementos inovadores na narrativa a uma temática transgressora para o período em que foi publicada.

Análise da obra *Reinações de Narizinho*

Reinações de Narizinho deu início a um conjunto de obras popularmente conhecidas como Sítio do Pica-Pau Amarelo. A história narra as aventuras de Lúcia, conhecida como a menina do nariz arrebitado, seu primo Pedrinho e Emília, a boneca falante feita por tia Nastácia. Segundo Lajolo (1998), Lúcia é a personagem central da obra, de cuja mente surgem todas as fantasias das quais decorrem as ações.

Em função de Lobato ser um criativo escritor de livros infantis e de ter adotado as convenções desse gênero, são comuns na narrativa momentos irrealis e fantasiosos vividos pelos moradores do sítio. Para Escoteguy (2019, p. 24). não existe na ficção de Lobato “nenhuma fronteira entre o real e o maravilhoso, o possível e o impossível. Lobato faz acontecer as coisas mais absurdas com toda a naturalidade: sem explicar, sem justificar, sem dizer como foi que aconteceram”.

Por essa característica da escrita de Lobato, no sítio se torna verossímil uma boneca de pano falar depois de tomar uma pílula recomendada por um médico caramujo. Personagens escapam dos livros ganhando vida em outra narrativa. Uma bruxa feiticeira transforma as pessoas em animais. Os peixes saem da água para fazerem visitas aos moradores da terra, com os quais dialogam com naturalidade (LOBATO, 2019).

Além dos passeios feitos por Narizinho, Emília, Pedrinho, Rabicó e o Visconde de Sabugosa em reinos encantados usando o pó mágico de pirlimpimpim, há muitas outras passagens excêntricas no enredo, como o inusitado casamento da boneca com um porco e o de uma menina com um peixe, passagens sempre acompanhadas pelo humor (LOBATO, 2019).

Segundo Escoteguy (2019, p. 26): “Monteiro Lobato conduz esse processo, em que as narrativas das histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo transitam do ordinário, real, trivial, comum, para o âmbito da imaginação, como se não houvesse diferença nem separação entre esses dois mundos”. Assim, nesse ambiente onde o impossível se

transfigura em novas possibilidades, personagens de histórias clássicas infantis são trazidos à narrativa em um claro processo de intertextualidade, como se percebe no trecho abaixo:

_ Para quem mandou convites?

_ Para todos, para Cinderela, para Branca de Neve, para o Pequeno Polegar, Capinha Vermelha, Ali Babá, Gato de Botas, todos!

_ Não esqueceu Peter Pan?

_ Está claro que não. Nem Aladim, nem o Gato Félix verdadeiro. Até ao Barba Azul convidei.” (LOBATO, 2019. p. 159)

Nesse sentido, tudo pode acontecer no sítio. Para tal, Lobato se vale de algumas estratégias, como o pó de pirlimpimpim ou o faz de conta, que é utilizado como um supressor de impossibilidades. São esses artifícios que permitem, por exemplo, que o Visconde de Sabugosa, uma espiga de milho, viva entre as estantes de livros e possua grande conhecimento, que o Marques de Rabicó, um leitão, pense em se casar (LOBATO, 2019).

Além de toda fantasia que alardeia as passagens da narrativa, Lobato utilizou-se da tipologia descritiva a fim de enriquecer a linguagem da produção, nesse sentido, não bastava ao príncipe ser um peixe tão somente, mas era preciso que ele estivesse “Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão – a maior das galantezas! [...]” (LOBATO, 2019. p. 8).

A leitura atenta da ficção leva o leitor a perceber uma outra estratégia da linguagem lobatiana, a enumeração dos elementos, fossem personagens ou situações em torno deles. Logo de início, quando Narizinho é convidada a visitar o reino do peixinho, fica maravilhada com o que vê nesse ambiente distópico” (LOBATO, 2019, p. 13).

Outra característica adotada na obra é o desprendimento ao mundo dos adultos, Lúcia viveu inúmeras experiências e diversões com seus amigos do sítio e, por várias vezes, se meteu em situações em que foi preciso sair sem a ajuda de alguém mais velho, como quando encontrou o malvado Tom Mix que queria assaltá-la e à boneca Emília. Para se safar, Narizinho ofereceu a ele ouro puro, do mais amarelo, mas não passava de macela, que era o enchimento de Emília, assim, até ganhou a confiança e amizade do bandido (LOBATO, 2019).

A menina também enfrentava figuras autoritárias, como na discussão com Dona Carochinha

“Ah, por que foi dizer aquilo? Ouvindo chamar dona benta de velha coroca, Narizinho perdeu estribeiras. – Dobre a língua! – gritou de cólera. – Velha coroca é vosmecê, e tão implicante que ninguém mais quer saber das suas histórias emboloradas [...] A velha, furiosa, ameaçou-a de lhe desarrebitar o nariz da primeira vez em que a encontrasse sozinha. – E eu arrebitarei o seu, está ouvindo? Chamar vovó de coroca! Que desaforo... (LOBATO, 2019. p. 14)

Até mesmo, quando necessário, repreendia a avó, embora esta fosse dócil e companheira, que não demonstrava gostar da ideia da neta se casar com um peixe “– E que tem isso? A Emília que é uma boneca, não se casou tão bem com Rabicó, que é leitão? Acho suas ideias muito atrasadas, vovó... (LOBATO, 2019. p. 44).

Falando de Emília, por trás da famosa boneca de pano, existe uma teoria dela ser um personagem com caráter de representação do próprio autor. Por Lobato ter vivido em um período marcado pelo fim da escravidão e o regime de governo de Getúlio Vargas, ele foi um cidadão com voz ativa na sociedade, chegando até ser preso por difamar o presidente da época nos jornais. Desse modo, é notório que o autor trouxe características de si mesmo para a boneca, Emília não tinha “freios na língua”, fazia comentários debochados e maldosos sobre a cor de tia Nastácia e até mesmo, em outros livros do autor, faz críticas a igreja.

De acordo com Santos e Guiraldelli,

a boneca conquistou sua liberdade quando ganhou voz, a maior força de expressão que adquirimos. Com a voz conquistada, Emília ganha autonomia de pensamento, a boneca tem a força de seu criador, pois, de acordo com Nunes, (2000), Monteiro Lobato era assim como a boneca, um homem versátil, ambicioso, polêmico, lutava contra as injustiças e era muito querido pelo povo brasileiro. (SANTOS; GUIRALDELLI, 2018, p. 511)

Percebe-se que Lobato trouxe para sua obra aquilo que ele achava coerente para o universo das histórias infantis: animais falantes, aventuras por reinos desconhecidos, crianças vistas como criança que brinca e se diverte, muita fantasia e imaginação, escapando de enredos que tratavam de temas moralistas. Não se pode deixar de citar que, seja pela figura criativa de Lúcia, ou pela língua ferina da boneca Emília, *Reinações de Narizinho* foi, além de uma obra elementar da literatura infantil nacional, uma produção transgressora no contexto do período.

Uma análise comparativa entre *Alice no País das Maravilhas* e *Reinações de Narizinho*

A literatura comparada é um ramo da teoria literária que, por meio da comparação entre diferentes textos literários, procura pontos de convergência, ou mesmo divergência, entre dois ou mais textos, por meio da comparação de regras linguísticas, intertextualidades, culturas e nacionalidades dessas produções (CARVALHAL, 1999).

Nesse sentido, os estudos conduzidos a partir da literatura comparada podem ser visualizados como um campo interdisciplinar, que ultrapassa tempo, língua, cultura disciplinas e que se expande para diversos tipos de artes (CARVALHAL, 1999). Para Cândido (1997), estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada, considerando a influência europeia sobre a produção nacional, contudo é na procura das semelhanças que, muitas vezes, o crítico se depara com a inovação de um texto em face a outro.

Neste estudo, a análise de duas obras do gênero infantil, a saber, *Alice no País das Maravilhas* e *Reinações de Narizinho*, levaram a constatação de que pontos convergentes entre ambas indicam a possibilidade de suas análises a partir da perspectiva da literatura comparada. De igual modo, isso não anula certas inovações presentes na obra de Lobato, como a nacionalidade e a coloquialidade.

De princípio, podemos observar características que mostram semelhanças entre os dois livros, escritos em distintas épocas, mas que foram revolucionários para ambos os períodos de seus lançamentos. Em Alice, Carroll inovou ao fazer histórias para as crianças, trazendo o lúdico e o fantástico para o universo da narrativa, enquanto Lobato foi o pioneiro na literatura infantil no Brasil, acrescentando ao lúdico e à fantasia os elementos da cultura nacional.

Ambos os escritores foram, nos tempos contemporâneos, alvos de polêmicas, Carroll foi acusado do grave crime de pedofilia, por apreciar e fotografar garotinhas seminuas ou nuas e sempre estar rodeado de meninas impúberes, além de nunca ter se casado e não ter tido filhos em um período em que isso era fator de normalidade. Já

Lobato, por sua vez, se envolveu em diversas polêmicas no seu tempo, mas a que lhe traz predicados negativos na atualidade é a questão do racismo.

Segundo Silva Mendes e Nunes Maia (2022, p. 1), “existem autores que acreditam que Lobato apenas estava reproduzindo as falas da sociedade da época, marcada pela abolição da escravatura, enquanto outros autores acreditam que Lobato expressava em seus livros aquilo que ele realmente era e pensava”. Para além das polêmicas envolvendo os dois escritores, é inegável o tamanho e importância de suas obras, que revolucionaram o gênero infantil.

Levando em consideração sobretudo as obras, é altamente provável que Monteiro Lobato tenha se inspirado em Alice no País das Maravilhas para escrever seus livros sobre o Sítio do Pica Pau Amarelo, em especial, Reinações de Narizinho, objeto de estudo do presente artigo. Apesar de se identificar aspectos semelhantes nas obras, é importante lembrar que:

[...] mesmo que ocorram os processos de intertextualidade e influência, há um novo texto, uma nova arte que vai depender da criatividade do autor [...] desse modo, um texto literário pode ser considerado original em relação aos demais pelo o que ele apresenta de novo e criativo, por aquilo que o tornou único e diferente dos demais. (TERRES, 2018. p. 65)

Seguindo a análise das obras, uma característica marcante em ambas é a tentativa de evidenciar a força das personagens femininas, inclusive como portadoras do mundo da fantasia, pois as histórias são narradas em torno da imaginação de Alice e de Narizinho, e tudo gira em torno delas. Isso se torna visível no modo de hierarquização dos lugares, que são matriarcados. Na história de Alice quem governa é a Rainha de copas, mesmo existindo um Rei (CARROLL, 2022. p. 115) enquanto no sítio, a proprietária é exclusivamente Dona Benta. De acordo com Dimano e Pinto

[...] Lobato usa o recurso da personagem feminina delicada, mas altiva, sutil, porém forte, amorosa, porém decidida, é também a administradora do sítio e transmitir a imagem de segurança que as outras personagens precisam. Lobato não coloca uma imagem masculina dentro do sítio para desempenhar as funções de hierarquia, todas são desenvolvidas pela personagem de dona Benta. (DIMANO, PINTO, 2015. p. 155)

Além de percebermos nas personagens principais a força que possuem na narrativa, Alice é uma garotinha que se encontra sozinha em um lugar desconhecido, lida com diversos problemas que surgem e mesmo assim não perde sua essência, segundo Terres:

Alice não teme as ameaças da rainha, pelo contrário, ela ousadamente a desafia com a esperteza e a sensatez que revela ao perceber que as cartas são apenas pedaços de papel. Ela está longe de ser uma personagem linear, sofrendo mudanças e revelando profundidade. Se, por um lado, Alice nos mostra um comportamento infantil, por outro, eleva-se acima desse plano: é capaz de se interrogar, filosofa, reflete sobre a realidade e adapta os seus comportamentos aos resultados dessa reflexão. (TERRES, 2018. p. 38)

Essa mesma postura pode-se observar na personagem de Narizinho ao enfrentar a dona Carochinha, após chamar Dona Benta de velha coroca. Claro que esse é só um dos exemplos que revelam a impetuosidade da menina em face às aventuras vividas no sítio.

No início dos dois livros observa-se também uma semelhança na forma como as protagonistas adentraram ao mundo fantástico. Alice, estava sentada com a irmã, à beira do lago, com os olhos pesados de sono, quando avistou um coelho branco usando colete com bolso e dentro dele tinha um relógio no qual ele conferia as horas e dizia estar muito atrasado. Achando tudo muito curioso, a menina decide seguir o animalzinho, caindo assim numa toca que a levava ao País das Maravilhas (CARROLL, 2022).

Narizinho, por sua vez, também estava deitada na beira do riacho já quase dormindo, quando sentiu cócegas no rosto e, ao olhar, viu um peixinho usando casaco, cartolinha na cabeça e guarda-chuva nas mãos, o peixe então a convida a ir com ele conhecer o Reino das Águas Claras, o mundo fantástico onde Narizinho viveu inúmeras aventuras (LOBATO, 2019).

Tanto no País das Maravilhas como no Reino das Águas Claras, ambos universos distópicos, as duas personagens encontram diversos animais personificados. Por se tratar de história infantil, os dois autores fizeram uso da personificação, que é quando se atribui características humana a seres inanimados ou a animais.

Como já citado anteriormente, Alice se encontra com uma lagarta azul fumante, com o coelho que lhe dava ordens e cartas de baralhos que eram funcionários da rainha, enquanto Narizinho se depara com um peixe que era príncipe e rei ao mesmo tempo, uma boneca de pano que conversa e um sabugo de milho que virou sábio (CARROLL, 2022; LOBATO, 2019).

Outra semelhança encontrada no livro é a opinião parecida de Alice e Emília ao se referirem a livros sem diálogos e imagens, Alice diz “E de que serve um livro [...] sem

desenhos ou diálogos?” (CARROLL, 2022. p. 13) já a boneca pensa que “[...] é muito perigoso ler certos livros, os únicos que não fazem mal são os que têm diálogos e figuras engraçadas” (LOBATO, 2019. p. 212).

Nesse sentido, pode-se perceber que existem fatos que comprovam as convergências entre a obra de Monteiro Lobato e a de Lewis Carroll, tanto na representatividade feminina, como na presença de animais personificados, na apresentação do universo distópico e na quebra de paradigmas na construção do enredo, pois ambas as obras foram transgressoras no momento de sua publicação.

Cabe ressaltar que, embora Lobato tenha constituído sua narrativa a partir de elementos intertextuais com a produção de Carroll, são evidentes os traços inovadores de sua literatura para o gênero infantil nacional. A presença de figuras da nossa tradição, os ambientes onde acontecem as figurações e a linguagem coloquial comprovam sua originalidade em face ao texto europeu.

Considerações finais

Ao final da análise das obras em estudo, foi possível perceber que existem elementos que comprovam a relação de intertextualidade entre a narrativa de Monteiro Lobato e a produção de Lewis Carroll.

Algumas dessas semelhanças ocorrem tanto na representatividade feminina, como na presença de animais personificados, bem como no uso da distopia e da linguagem inusitada, cheia de descrições minuciosas dos fatos e locais.

Outro fator de convergência decorre de que, em virtude dos fatos mencionados no início da pesquisa, percebe-se que os autores utilizaram os livros, principalmente pelo uso da sátira, como meio de fazer críticas ao autoritarismo vigente na época de publicação das obras, a saber, a Era Vitoriana e o período denominado, no Brasil, de Estado Novo.

A nível de importância para o campo da literatura, ambas as produções são consideradas clássicas do gênero infantil, tendo sido traduzidas em diversas línguas e conhecidas por diferentes gerações mundo afora. Esses livros também são

reconhecidos como fundamentais em seus países de origem para toda uma gama de autores que neles se inspiraram para sua produção.

Por fim, apesar de Lobato ter sido influenciado pela literatura de Carroll e nela ter se apoiado para a construção de seu enredo, muitos pontos inovadores são encontrados em sua narrativa, do emprego da linguagem coloquial ao uso de ambientes e figuras nacionais.

Referências

BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa**. São Paulo: Ática, 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/40373932/Kupdf.net_a_literatura_inglesa. Acesso em: 28 fev. 2024.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2022. 176 p. v. 143. ISBN 978-85-254-0943-0

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1999. (Coleção Série Princípios).

CASTALDINI, Yara. Alice no país das maravilhas: a era vitoriana entre o romance e o cinema. **Conic-semesp**, V. 1º, p. 1-10, 2013. Disponível em: <https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2013/1000015348.pdf> Acesso em: 23/10/23.

DIMANO, E. O; PINTO, M. L. A importância das personagens femininas na obra reinações de narizinho. **CÍRCULO FLUMINENSE DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS**, revista philologus, nº63, p. 1-7, set. dez, 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ano21/63supl/009.pdf> ACESSO EM: 24/01/2024

ESCOSTEGUY, Cléa Coutinho. **Literatura de Monteiro Lobato**. Editora Senac, 2019.

LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. UNICAMP/IEL, 1998. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 1. ed. Jandira, SP: CIRANDA CULTURAL, 2019. 288 p.

LOBO, A. A; PORTELA, A. L. **Alice em um país nonsense**. Achote revista Eletrônica de Moda, VOL. 6, Nº1, p. 1-24, setembro, 2018. Disponível em:

<file:///C:/Users/SIPOLATTI/Downloads/6219-Texto%20do%20Artigo-18596-1-10-20181021.pdf>. Acesso em: 27/01/2024.

RIGON, Bruno Silveira. Distopia. In.: FRANÇA, Leandro Ayres (coord.); QUEVEDO, Jéssica Veleda; ABREU, Carlos A F de (orgs.). **Dicionário Criminológico**. 2.ed. Porto Alegre: Editora Canal de Ciências Criminais, 2021. Disponível em: <https://www.crimlab.com/dicionario-criminologico/distopia/74>. ISBN 978-65-87298-10-8. Acesso em: 24/01/2024

SANTOS, Nara Souza dos; GUIRALDELLI, Lisângela Aparecida. MONTEIRO LOBATO: LITERATURA INFANTIL E AS VOZES POLIFÔNICAS EM MEMÓRIAS DE EMÍLIA. **Nucleus**, Ituverava, v. 15, n. 1, p. 493-514, abr. 2018. ISSN 1982-2278. Disponível em: <https://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/2765>. Acesso em: 26 jan. 2024. doi:<https://doi.org/10.3738/1982.2278.2765>.

SILVA MENDES, N.; NUNES MAIA, F. Monteiro Lobato, Racismo e Literatura: narrativas de um eugenista. **Revista Espaço Livre**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 53-65, 2022. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/rel/article/view/204>. Acesso em: 28 jan. 2024.

TERRES, Nathalia Ferreira. **Comparativismo entre Alice e Emília: pontos e contrapontos das personagens de Lewis Carroll e Monteiro Lobato**. 2018. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/14705>.